

**Apresentação de *Matteo Ricci: Na Cidade Proibida* de Dufaux e Jamar
Igreja de São Roque, 12 de Outubro de 2023**

Por João Teles e Cunha

No mundo actual insensibilizado pela avalanche de imagens que jorra por todos os lados, com relevo para as disponibilizadas por meios digitais e informáticos, a noção de ‘pedagogia pela imagem’ faz pouco ou nenhum sentido. Tempos houve, contudo, em que essa ‘pedagogia pela imagem’ foi um recurso recorrente utilizado pela Companhia de Jesus, à qual pertenceu Matteo Ricci, para ensinar e fazer passar mensagens. Basta pensar nos azulejos do Colégio de Jesus de Coimbra que ensinavam geometria euclidiana aos seus alunos (esse mesmo Euclides cuja obra ‘Elementos’ foi traduzida para chinês por Ricci e Xu Guangqi, e impressa em 1607); ou nos do Colégio do Espírito Santo em Évora, onde cada sala de aula dedicada a um determinado ramo do conhecimento humano tem nas suas paredes imagens alusivas ao que aí se ensinava, para nos apercebermos da importância da ‘pedagogia pela imagem’ e da sua valência didáctica para os padres da Companhia.

A ‘pedagogia da imagem’ está ainda presente na iconografia (pintura, gravura, escultura, etc) utilizada pelos Jesuítas para evangelizar, do qual esta novela gráfica – para usar a feliz expressão sugerida por Jorge Buescu em vez da corriqueira banda desenhada – faz alusão, a exemplo do pequeno quadro da Virgem oferecido por Ricci a Yugur Khan. A representação naturalista e tridimensional que fez o seu caminho na arte ocidental desde o século XV, foi amplamente difundida fora da Europa pelos Jesuítas, que a empregaram para abrir portas e obter as boas graças das sociedades e culturas por si contactadas, influenciando de caminho a produção artística extra-europeia num hibridismo cultural interessante (é suficiente lembrar aqui o papel que as gravuras levadas pelos Inacianos para a Índia tiveram no desenvolvimento da pintura mogol no

século XVII; ou o lugar privilegiado ocupado por Giuseppe Castiglione enquanto pintor na corte de três sucessivos imperadores da dinastia Qing no século XVIII).

Esta novela gráfica é, de certa forma, a manifestação contemporânea do princípio didático já aludido – ensinar pela imagem –, tendo o Padre António Júlio Trigueiros S.J. sugerido um antepassado de prestígio, o ciclo pictórico sobre a vida de São Francisco Xavier de autoria de André Reinoso (*ca.* 1619) que decora as paredes da sacristia desta igreja de São Roque em Lisboa. A sugestão tem tanto de provocador como de estimulante, porque Reinoso intercalou episódios históricos cruciais no itinerário de Xavier (partida de Roma, recepção em Lisboa por D. João III, pregação em Goa, etc.), com outros edificantes relacionados com o seu *múnus* enquanto sacerdote, uma mensagem que não passaria despercebida aos padres jesuítas que usavam a sacristia. Tal como esta novela gráfica mistura quadros históricos centrais da vida de Ricci em Pequim com personagens e cenas de ficção criadas para acelerar e dar colorido à trama narrativa.

A invocação xavieriana tem ainda conexões com o enredo desta novela gráfica conforme aludiu o Padre Trigueiros, por São Francisco Xavier ter nutrido durante longos anos o desejo de entrar na China para evangelizar, algo que ficou por realizar pois morreu na ilha de Sangchuan em 1552. Outros Jesuítas seguiram a sua pegada e conseguiram, finalmente, entrar na China no último quartel de Quinhentos, com destaque para Matteo Ricci e os seus companheiros Diego de Pantoja e Sebastião Fernandes, estes dois últimos desenhados como personagens secundárias e unidimensionais nesta novela, cuja história foi contextualizada por Francisco Malta Romeiras. Há nesta urdidura histórica outros pontos de contacto, reais e não ficcionados, entre Xavier, Reinoso e a novela gráfica, nomeadamente na talha de porcelana azul e branca tão típica do reinado de Wanli (o Imperador ausente, de quem só se vislumbram os olhos atrás de uma grade na sala do Trono do Dragão), que aparece no quadro onde o Santo é descido pelos seus companheiros de viagem para tocar o mar com o pé e assim transformar a água salgada em potável e saciar-lhes a sede.

Não é por ser uma novela gráfica que a obra em apreço deve ser desconsiderada, porquanto o seu guionista – o belga Jean Dufaux, de quem confesso ser ávido consumidor tanto da sua série histórica ambientada na Roma neroniana intitulada ‘Murena’, como da sua contribuição para a série Blake & Mortimer –, se baseou em biografias já clássicas sobre a vida de Ricci para redigir o guião: uma de autoria da italiana Michela Fontana (*Matteo Ricci. Un gesuita alla corte dei Ming* de 2005) e outra do britânico Vicent Cronin (*The Wise man from the West: Matteo Ricci and his Mission to China* publicada em 1955). Francisco Malta Romeiras completou a lista bibliografia, citando e utilizando o recente livro de autoria de Ronnie Po-chia Hsia (*A Jesuit in the Forbidden City: Matteo Ricci* de 2010). Admito conhecer melhor Cronin, e em particular o que escreveu sobre Roberto de Nobili (*A Pearl to India: The Life of Roberto de Nobili*, impresso em 1959), que no seu conjunto revelam o fascínio do autor britânico por jesuítas que intermediaram entre dois mundos, o seu (italiano e ocidental) e o que escolheram para espalhar a mensagem do cristianismo (Madurai no caso de Nobili e a China no de Ricci).

Hoje chamaríamos inculturação a esta acomodação (*accommodatio*) entre duas sociedades conforme foi praticado por Nobili e Ricci. Não se tratou de um processo linear nem simples, revelando uma tensão permanente entre um real desejo de abertura e uma certa aceitação do outro, e um medo duradouro de desvirtuar a mensagem cristã pela incorporação de elementos sociais e culturais da sociedade de acolhimento. A metodologia extravasou em muito o campo religioso, porque os Jesuítas, para se acomodarem, acabaram por aprender a língua do país (a exemplo de Ricci que estudou mandarim, o idioma oficial, que chegou o dominar como deixa constância um episódio da novela gráfica) e conhecer a cultura do país de recepção, transformando-se por arrasto em intermediários culturais ao traduzirem obras nos dois sentidos, como a já mencionada tradução dos ‘Elementos’ de Euclides para chinês feita por Ricci.

A inculturação jesuíta mostra um novo meio de entrada em sociedades e culturas fora da Europa que emerge com a Idade Moderna, a evangelização pacífica, que é aqui protagonizado por Matteo Ricci, em contraste com outra forma sua contemporânea, a expansão imperial pela força, corporizada por um personagem ficcional na novela gráfica – Don Herrera –, que persegue o jesuíta italiano, até que a sua consciência o vence no fim. Trata-se de um verdadeiro achado narrativo de Dufaux, porque coloca frente a frente dois métodos opostos de presença europeia no mundo e a visão de conquista *manu militari* da China que, por muito estranho e risível que nos possa parecer hoje em dia, foi acalentada pelos dois impérios peninsulares durante os séculos XVI e XVII. Durante os anos de Ricci em Pequim (1601-1610), a Coroa Dual continuava a nutrir ambições imperiais e a desenhar planos de assenhoreamento da China a partir das Filipinas, pelo que Don Herrera e o que ele representava tem pleno cabimento na narrativa.

A comunicação intercultural pacífica e tolerante conheceu diversas vias de entrada nas sociedades de acolhimento, por intermédio da arte, da música, da ciência, da mecânica, etc. Nas páginas da novela gráfica, os relógios mecânicos foram o meio encontrado por Matteo Ricci, por serem uma forma fiável de medir o tempo, algo central para uma cultura obcecada com a medição temporal e o calendário como era a chinesa. O recurso ficcional da rapariga salva pelo Jesuíta para reparar e colocar o relógio de novo a funcionar em nada ofusca a verdade factual. Curiosamente, seriam estes os responsáveis pela reentrada dos Jesuítas nas boas graças imperiais na década de 1660, quando o ainda menor Kangxi, descobriu nos armazéns imperiais relógios mecânicos parados que os padres tinham construído para os seus antecessores e não havia quem os conseguisse reparar. O fascínio imperial por estes mecanismos levou Kangxi a contactar informalmente os três jesuítas que ainda residiam em Pequim, entre os quais se contava Ferdinand Verbiest e Gabriel de Magalhães, para que pusessem os relógios a funcionar, acabando por restaurar por esta via a fortuna da Companhia

na China. Mas ao contrário de Ricci, Verbiest e Magalhães acabariam por se encontrar cara a cara com o Imperador e trabalhariam para este.

A comunicação intercultural feita pelos padres da Companhia também se moveu entre a China e a Europa, por servirem de intermediários na tradução de obras centrais da cultura chinesa e por terem tornado aquele império numa realidade palpável no quotidiano ocidental. Para tal contribuíram as suas cartas ânuas, que descreviam o que de mais notável tinha acontecido na China durante o ano transacto. A pessoa que aparece nas páginas da novela gráfica justamente relacionada com o relógio mecânico é a Imperatriz-Mãe Xiaoding, cujas cerimónias do seu funeral e enterro em 1614 foram contadas com todo o detalhe numa carta escrita pelo jesuíta português Manuel Dias Júnior.

Vai sendo hora de encerrar esta apresentação, sublinhando como a mistura de factos históricos verificáveis e as liberdades ficcionais tornam agradável a leitura da novela gráfica 'Matteo Ricci na Cidade Proibida' e podem levar o leitor a querer aprofundar o seu conhecimento sobre o tema. Num mundo cada vez mais intolerante e onde a curiosidade e a abertura cultural (bem como a aceitação do outro com todas as suas qualidades e defeitos) parecem condenados a definharem, a mensagem de tolerância para com o diferente, de receptividade a sociedades distintas e de intercâmbio cultural pregada por Ricci não só mantém a sua actualidade, como deve constituir um objectivo permanente para todos nós.